

O TEXTO LITERÁRIO E O DISPOSITIVO DE LEITURA DA ANÁLISE DO DISCURSO: REFLEXÕES A PARTIR DA ABORDAGEM LACANIANA DA OBRA DE ARTE

Edmundo Narracci Gasparini *

RESUMO: *Amparados na argumentação de Jacques Lacan acerca da obra de arte, discutiremos o dispositivo de leitura da Análise do Discurso no que se refere à análise de textos literários. Tal dispositivo centra-se nos efeitos sócio-históricos de sentido que atravessam um texto. Por sua vez, a abordagem lacaniana convida a vislumbrar o vazio fora do sentido em torno do qual uma obra de arte se estrutura. Vislumbrar o texto literário em sua relação particular com esse vazio configura-se como uma contribuição importante para a AD. Uma vez que se toma como referência a abordagem lacaniana da arte, vislumbra-se a possibilidade de que os efeitos sócio-históricos de sentido que atravessam o texto literário sejam colocados em destaque não apenas em função das relações antagonistas de força numa formação social, mas também como tentativas de lidar com um núcleo real resistente à simbolização.*

PALAVRAS-CHAVE: *Análise do Discurso, texto literário, Psicanálise*

ABSTRACT: *Based on Jacques Lacan's discussion upon the work of art, we aim at discussing the reading device in Discourse Analysis when it comes to the analysis of literary texts. This reading device focuses on socio-historical meaning which constitutes a text. In turn, Lacan's discussion proposes that any work of art is structured around a meaningless void. Considering the literary text in its relationship with a meaningless void may contribute to Discourse Analysis. Once one is based on Lacan's discussion about art, it is possible to identify social-historical meaning not only in relation to the antagonist power relationships which constitute a society, but also as an attempt to deal with a real element which resists symbolization.*

KEYWORDS: *Discourse Analysis, literary text, Psychoanalysis*

Amparados em elementos da argumentação de Jacques Lacan acerca da obra de arte, elementos presentes no seminário sobre a ética da Psicanálise, pretendemos discutir o dispositivo de leitura da Análise do Discurso – especificamente, da Análise do Discurso fundada por Michel

* Doutor em Linguística pela UNICAMP; professor adjunto do Departamento de Letras, Artes e Cultura da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ.

Pêcheux na França – no que se refere à análise discursiva do texto literário. Não é incomum encontrar trabalhos que, amparados na Análise do Discurso forjada por Pêcheux, e também em vertentes distintas da Análise do Discurso, propõem-se a tomar como objeto de análise textos literários. Portanto, a questão que buscaremos responder nas linhas abaixo é a seguinte: no que se refere à análise discursiva do texto literário, como a argumentação de Jacques Lacan acerca da obra de arte poderia contribuir para uma discussão sobre o dispositivo de leitura da Análise do Discurso?

O DISPOSITIVO DE LEITURA DA ANÁLISE DO DISCURSO

O dispositivo de leitura a ser discutido neste artigo corresponde àquele forjado por Michel Pêcheux e Catherine Fuchs no ano de 1975, ano em que é nítida na escrita de Pêcheux a influência de Louis Althusser, particularmente do texto *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Fundamental nesse dispositivo é um elemento das formulações de Louis Althusser em *Aparelhos Ideológicos de Estado*:

[...] tanto para vocês como para mim, a categoria de sujeito é uma “evidência” primeira (as evidências são sempre primeiras): está claro que vocês, como eu, somos sujeitos (livres, morais, etc.). Como todas as evidências, inclusive as que fazem com que uma palavra “designa uma coisa” ou “possua um significado” (portanto inclusive as evidências da “transparência” da linguagem), a evidência de que vocês e eu somos sujeitos [...] é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. Este é aliás o efeito característico da ideologia – impor (sem parecer fazê-lo, uma vez que se tratam de “evidências”) as evidências como evidências, que não podemos deixar de *reconhecer* e diante das quais, inevitável e naturalmente, exclamamos (em voz alta, ou no “silêncio da consciência”): “é evidente! é exatamente isso! é verdade!” (ALTHUSSER, 1998, p. 94-95, destaques do autor)

Nessa passagem, Althusser indica que o efeito característico da ideologia é a produção de evidências, isto é, “impor (sem parecer fazê-lo, uma vez que se tratam de 'evidências') as evidências como evidências” (ALTHUSSER, 1998, p. 94). Essencial para a Análise do Discurso de Michel Pêcheux é a indicação de Althusser de que as evidências da transparência da linguagem – isto é, as evidências “que fazem com que uma palavra 'designa uma coisa' ou 'possua um significado” (ALTHUSSER, 1998, p. 94) – não correspondem senão a um efeito da ideologia. O significado evidente é, portanto, um efeito ideológico, articulado por Althusser a um outro efeito de evidência, qual seja, a evidência do sujeito, a partir da qual o sujeito se vê como unidade individual e insubstituível, supostamente causa de si, mas que na verdade é conduzido pela ideologia – sem se dar conta disso – a ocupar o seu lugar no jogo de relações sociais.

O dispositivo de leitura proposto por Michel Pêcheux e Catherine Fuchs em 1975, fortemente influenciado por Louis Althusser, pela articulação sugerida por Althusser entre evidência do sujeito e evidência do sentido, tem como objetivo realizar uma “análise não-subjetiva dos efeitos de sentido” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 172), uma análise que não seja afetada pelo “efeito subjetivo da leitura” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 172), isto é, pelos efeitos de evidência engendrados pela ideologia. Em contraponto à leitura que é o objetivo de uma análise discursiva, a leitura subjetiva é aquela “segundo a qual um texto é biunivocamente associado a seu sentido” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 169). Assim, o dispositivo de

leitura constitutivo dos procedimentos de análise discursiva propõe-se a atravessar o “efeito subjetivo da leitura” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 172) – a partir do qual um texto seria possuidor de um sentido a ser resgatado pelo leitor no ato de leitura – e atingir o nível dos efeitos de sentido entre locutores, dos efeitos de sentido (re)produzidos no âmbito das relações de força constitutivas de uma formação social. Nessa perspectiva, o sentido não é intrínseco ao texto, mas se produz entre locutores (no ato de produção/leitura de um texto) como efeito das relações que se desdobram numa formação social.

Vale destacar que o elemento central nas modalidades de leitura que estão em jogo aqui – leitura subjetiva (afetada pela ideologia) e leitura não-subjetiva (objetivo de uma análise discursiva) – é o registro do sentido. Aliás, não é sem importância lembrar que a Análise do Discurso foi fundada por Michel Pêcheux no final dos anos 60 com o propósito de abordar uma questão que a Linguística, assim como estabelecida após Ferdinand de Saussure (1974), deixara de fora: a questão do sentido. Na Análise do Discurso fundada nos anos 60, tratava-se de abordar um funcionamento do texto que era referido ao fato de que, se tomado como discurso, um texto é produzido sempre “a partir de condições de produção dadas” (PÊCHEUX, 1997, p. 77), isto é, situa-se no interior de relações de força existentes no âmbito de uma formação social. Eis como um texto funciona na perspectiva da Análise do Discurso: ele é produzido no espaço das relações constitutivas de uma formação social. E o dispositivo de leitura forjado por Michel Pêcheux e Catherine Fuchs propõe-se a atingir o

nível em que tais efeitos se concretizam na materialidade linguística de um texto.

A OBRA DE ARTE E A COISA FREUDIANA

Para que seja possível discutir o dispositivo de leitura da Análise do Discurso no que se refere à análise do texto literário, retomaremos algumas indicações de Jacques Lacan acerca da obra de arte presentes em seu seminário sobre a ética da Psicanálise. Neste seminário, encontramos a indicação de que toda arte se caracteriza por um modo de organização em torno de um vazio na estrutura, vazio que representa a Coisa:

[...] Essa Coisa, da qual todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação, será sempre representada por um vazio, precisamente pelo fato de que ela não poder ser representada por outra coisa – ou, mais exatamente, de ela não poder ser representada senão por outra coisa. Mas, em toda forma de sublimação, o vazio será determinante.

Indico-lhes desde logo três modos diferentes nos quais ocorre que a arte, a religião e o discurso da ciência têm a ver com isso – por três fórmulas das quais não lhes digo que, no último termo, retê-las-ei quando tivermos percorrido juntos nosso caminho.

Toda arte se caracteriza por um certo modo de organização em torno desse vazio. Não creio que seja uma fórmula vã, malgrado sua generalidade, para orientar aqueles que se interessam pela elucidação dos problemas da arte, e penso dispor dos meios para lhes ilustrá-lo de maneira múltipla e muito sensível. (LACAN, 1988, p. 162)

Nesse ponto do seminário sobre a ética da Psicanálise, Lacan está discutindo o processo de sublimação, processo que se refere, segundo Sigmund Freud, à possibilidade de que a meta sexual originária da pulsão sexual seja desviada para outras metas culturalmente valorizadas, tais como

a arte, a religião e a ciência. É no contexto dessa discussão que Lacan indica que o vazio é determinante em toda forma de sublimação. A religião, segundo Lacan, consistiria em evitar esse vazio. Por sua vez, a arte, que particularmente nos interessa aqui, se caracterizaria por um modo de organização em torno do vazio que representa a Coisa. É neste sentido que, segundo Lacan, “numa obra de arte trata-se sempre de cingir a Coisa” (LACAN, 1988, p. 175). Vale destacar o significado do verbo cingir: rodear, cercar. A obra de arte, portanto, está numa relação essencial com o vazio que representa a Coisa, na medida em que ela se organiza bordejando esse vazio estrutural.

É importante destacar que a categoria da Coisa é discutida por Jacques Lacan no contexto de seu retorno à obra freudiana. De fato, *das Ding*, a Coisa, é um termo utilizado por Sigmund Freud em seu *Projeto de uma psicologia*, de 1895. Nesse texto, Freud afirma que um complexo perceptivo qualquer poderia ser dividido em um componente que “quase nunca muda” (FREUD, 2003, p. 205), chamado por ele de *coisa (Ding)*, e um componente que “quase sempre varia” (FREUD, 2003, p. 205), que seria correspondente a um predicado. Essa composição do complexo perceptivo é posteriormente retomada por Freud em sua discussão sobre o *Nebenmensch* (termo alemão que se refere ao próximo, ao semelhante): o complexo do *Nebenmensch* divide-se também em uma parte que corresponde a “uma estrutura constante permanecendo junta como *coisa*” (FREUD, 2003, p. 208, grifo do autor) e outra parte que “é *compreendida* pelo trabalho recordativo” (FREUD, 2003, p. 208, grifo do autor). Portanto,

na experiência com o próximo haveria sempre um componente constante, invariável – *das Ding* –, e outro variável, podendo ser compreendido. A argumentação de Freud permite dizer que numa experiência perceptiva, ou numa experiência qualquer com o semelhante, com o próximo, haveria sempre um elemento constante, invariável – *das Ding* –, que se coloca para além de uma compreensão, de uma predicação.

É, portanto, a partir de seu retorno a Sigmund Freud que Jacques Lacan dirá, no seminário sobre a ética da Psicanálise, que a Coisa “será sempre representada por um vazio” (LACAN, 1988, p. 162); ela “se distingue como ausente, alheia” (LACAN, 1988, p. 82); está sempre “mais além” (LACAN, 1988, p. 82), desponta como um impossível, caracterizando-se “pelo fato de que nos é impossível imaginarmos-la para nós” (LACAN, 1988, p.157). A Coisa, de acordo com as considerações de Lacan no seminário sobre a ética da Psicanálise, é “o fora-do-significado” (LACAN, 1988, p. 71).

O texto literário pode ser pensado, a partir da indicação de Lacan de que “numa obra de arte trata-se sempre de cingir a Coisa” (LACAN, 1988, p. 175), em função dessa forma específica de relação com o vazio que é a Coisa, com esse elemento real fora-do-significado, rebelde à simbolização. Ora, como as indicações de Lacan sobre a obra de arte poderiam contribuir para uma discussão acerca do dispositivo de leitura da Análise do Discurso – dispositivo que tem como foco a questão do sentido – quando se trata de abordar textos literários?

O TEXTO LITERÁRIO E A ANÁLISE DO DISCURSO

Revista Trama ISSN 1981 4674 - Volume 12 – Número 26 –2016,
p.99-111.

Gostaríamos de retomar aqui o texto de apresentação do *Centro de Pesquisa Outrarte – Psicanálise entre ciência e arte*, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Nesse texto, há a indicação de que não se trata, no trabalho *entre arte e Psicanálise* ao qual o centro de pesquisa se dedica, de explicar a obra de arte a partir de um ponto exterior seguro, a partir de um saber proveniente da teoria psicanalítica (UNICAMP, 2008). A esse respeito, é Sigmund Freud que vem em nosso auxílio. Em sua *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, Freud indica que “é difícil para o psicanalista descobrir algo novo que antes já não fosse conhecido por um poeta” (FREUD, 2010, p. 201, tradução minha ¹). E que “Também no campo dos atos sintomáticos a observação psicanalítica deve conceder prioridade aos poetas. Não lhe resta senão repetir o que disseram há muito tempo” (FREUD, 2010, p. 208-209, tradução minha ²). Trata-se, portanto, de que a obra de arte precede o psicanalista. De acordo com o texto de apresentação do *Centro de Pesquisa Outrarte*,

Diferentemente dos propagadores do “trans”, o estudioso que se situa entre não permite que a psicanálise se apresente como um saber que, de um ponto de vista exterior e seguro, explicaria a obra artística. outrarte parte do dizer freudiano de que a obra precede o psicanalista; um dizer, não por acaso, retomado por Lacan em Homenagem a Marguerite Duras. O texto literário, como lugar do desassossego, homologamente à clínica, é que interroga a teoria, coloca-a à

1 “[...] lo difícil que es para el psicoanalista descubrir algo que un poeta no supiera ya antes que él.”

2 “También en el campo de las acciones sintomáticas debe la observación analítica ceder la prioridad a los poetas. No le queda más que repetir lo que ellos han dicho de antiguo.”

prova. Desperta. *Lituraterra*, retorna para marcar os sulcos produzidos pelo literário nos textos – teóricos ou mesmo ficcionais. (UNICAMP, 2008)

Creio que as indicações presentes no texto de apresentação do *Centro de Pesquisa Outrarte* estão em consonância com a indicação de Lacan de que “numa obra de arte trata-se sempre de cingir a Coisa” (LACAN, 1988, p. 175). Entendemos que o texto literário é lugar do desassossego na medida em que bordeja esse vazio inacessível e perturbador, inapreensível pela linguagem, mas – deve-se destacar – por ela produzido. Acreditamos que essas indicações podem ser relevantes para uma discussão acerca da Análise do Discurso no que se refere ao texto literário como objeto de análise.

Como afirmarmos anteriormente, o dispositivo de leitura proposto por Michel Pêcheux e Catherine Fuchs em 1975 tem como elemento central a questão do sentido. A leitura não-subjetiva de que falam Pêcheux e Fuchs busca atravessar “a evidência da leitura subjetiva segundo a qual um texto é biunivocamente associado a seu sentido” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 169) e atingir o nível dos efeitos de sentido entre locutores, isto é, do sentido historicamente constituído no jogo de relações sociais. Entretanto, quais são as possibilidades da leitura não-subjetiva de que falam Michel Pêcheux e Catherine Fuchs quando se trata de abordar um texto que, a nos guiarmos pelas indicações de Lacan no seminário sobre a ética da Psicanálise, bordeja o vazio, se organiza em torno de um elemento real fora-do-significado?

A hipótese que formulamos aqui é que o texto literário, como “lugar do desassossego” (UNICAMP, 2008), como elemento que interroga a teoria psicanalítica, interroga igualmente a Teoria do Discurso e o dispositivo de leitura forjado no âmbito da Análise do Discurso, e aponta para a possibilidade de que os efeitos sócio-históricos de sentido sejam discutidos pelo analista não apenas em função das relações antagonistas de força constitutivas de uma formação social, mas também como tentativas de lidar com a Coisa resistente à simbolização. Para além de destacar o “caráter material do sentido” (PÊCHEUX, 1988, p. 160), trata-se de remeter os efeitos sócio-históricos de sentido que atravessam o texto literário ao núcleo duro do real, ao vazio que representa a Coisa, no sentido de que tais efeitos cingem esse elemento fora-do-significado, mais além, que é a Coisa.

Obviamente, não se trata aqui de considerar o texto literário como um objeto independente da cultura ou das filiações históricas de sentido, mas antes de dizer que, se ele se organiza em torno de um vazio, se ele bordeja a Coisa, uma leitura que privilegia apenas o registro do sentido talvez perca de vista um ponto essencial da questão: o ponto em que as significações sócio-históricas gravitam em torno de um núcleo a-histórico, fora do significado, mas demandante de significação – ou seja, gravitam em torno de um impasse que é estrutural.

O VÉU NEGRO DO MINISTRO, DE NATHANIEL HAWTHORNE

Para fundamentar a discussão feita aqui, teceremos alguns comentários sobre o conto *The minister's black veil* (O véu negro do ministro), publicado em 1836 por Nathaniel Hawthorne. Nesse conto, Hawthorne conta a história do pastor Hooper, que se passa na Nova Inglaterra puritana no período colonial norte-americano. Assim começa o conto: num dia de domingo, num domingo como outro qualquer, o pastor Hooper vem pregar o seu sermão habitual. Ele chega para a celebração e... estupor! O ministro tem o rosto coberto por um véu negro!

A aparição do pastor com um véu negro tem um efeito intensamente perturbador sobre a congregação. Esse é o primeiro ponto a destacar: os efeitos que o véu negro do ministro, como elemento que rompe com o habitual e o estabelecido, exercem na população da vila puritana... efeitos de estupor, de surpresa, de espanto. No conto de Nathaniel Hawthorne, o véu põe a vila puritana a falar, numa tentativa de simbolizar esse elemento perturbador, enigmático, traumático: “Tem certeza que é nosso pároco?” (Hawthorne, 2003, p. 627, tradução minha ³); “Sinto como se não fosse o rosto do bom Sr. Hooper por trás daquele pedaço de crepe” (Hawthorne, 2003, p. 627, tradução minha ⁴); “Não gosto disso [...]. Ele se transformou em algo terrível, apenas escondendo sua face” (Hawthorne 2003, p. 627, tradução minha ⁵); “Nosso pároco ficou louco!” (Hawthorne, 2003, p. 627, tradução minha ⁶).

3 “Are you sure it is our parson?”.

4 “I can't really feel as if good Mr. Hooper's face was behind that piece of crape”.

5 “I don't like it [...]. He has changed himself into something awful, only by hiding his face”.

6 “Our parson has gone mad!”.

O véu negro do ministro é de tal maneira terrível que os habitantes da vila passam a evitar o pastor. Ao longo do conto, o ministro se vê numa situação de isolamento e solidão, e acaba sendo abandonado pela noiva, pois se recusa obstinadamente a retirar o véu. É digno de nota o fato de que, a despeito do véu negro a cobrir seu rosto, o pastor Hooper continua a realizar suas atividades costumeiras como pastor da vila.

A noiva Elizabeth é a única que ousa perguntar ao pastor o que o levou a cobrir o rosto com o véu: “que aflição dolorosa se apossou de você [...] para que queira escurecer os próprios olhos para sempre?” (HAWTHORNE, 2003, p. 631, tradução minha ⁷). O pastor responde: “se for sinal de sofrimento [...] eu, talvez, como a maior parte dos outros mortais, tenha sofrimentos obscuros o suficiente para serem representados por um véu negro” (HAWTHORNE, 2003, p. 631, tradução minha ⁸). Elizabeth insiste, e cita rumores de que o ministro esconde a face sob a consciência de pecado secreto. Ao que o pastor responde: “[...] se cubro [meu rosto] por causa de algum pecado secreto, que mortal não faria o mesmo?” (HAWTHORNE, 2003, p. 632, tradução minha ⁹).

Embora haja, no conto, indicações de que o véu do negro do ministro seria revelador de um “pecado secreto”, da maldade que o pastor, e cada um de nós, esconde do próximo e preferiria, de bom grado, esconder da própria consciência, é digno de nota que o enigma do véu persiste até o fim da história, esse é o ponto crucial: não há uma explicação definitiva acerca

⁷“What grievous affliction hath befallen you [...] that you should thus darken your eyes forever?”.

⁸ “If it be a sign of mourning [...] I, perhaps, like most other mortals, have sorrows dark enough to be typified by a black veil”.

⁹ “[...] if I cover it for secret sin, what mortal might not do the same?”.

dos motivos que levaram o pastor a cobrir o rosto. O véu coloca em cena um enigma, um mistério insolúvel que mergulha, junto a Hooper ao final do conto, no desconhecido da morte.

Sabe-se que muitos textos de Nathaniel Hawthorne incluem referências à história colonial norte-americana, particularmente à Nova Inglaterra Puritana (o próprio Hawthorne era descendente de puritanos da Nova Inglaterra): é o caso de *O véu negro do ministro*. Ora, seria possível centrar a leitura do conto em torno do que há aí de puritano, em torno de possíveis “efeitos puritanos de sentido” que atravessariam o texto, e mesmo em torno de uma crítica de Hawthorne ao puritanismo da Nova Inglaterra colonial. Entretanto, o trajeto percorrido aqui aponta para outra possibilidade. Acredito que é possível fazer valer o que encontramos no texto de apresentação do evento organizado pelo *Centro de Pesquisa Outrarte* realizado em outubro de 2013:

A precedência da obra e a relevância do seu modo de funcionamento, e não a exegese do seu sentido último e inequívoco, fazem da leitura um jogo arriscado. Em outras palavras, é somente, sob o risco do equívoco, sob o efeito da barra que impede a totalização, que a prática da letra pode coincidir com o uso do inconsciente. Como leitor e operador, o inconsciente não é convocado a explicar, mas sim é convidado a uma ética e a uma prática de leitura em que a interpretação possa, em uma volta a mais, garantir a inacessibilidade do enigma fora do risco das totalizações do sentido. É nesse lugar do infortúnio que a literatura encontra a psicanálise. (XIII JORNADA CORPOLINGUAGEM / V ENCONTRO OUTRARTE, 2013)

No que se refere ao conto *O véu negro do ministro*, se o enigma do véu persiste até o fim da história, se não há uma explicação definitiva acerca dos motivos que levaram o pastor Hooper a cobrir o rosto, se o véu

coloca em cena um mistério insolúvel, advém então a possibilidade de que a leitura do conto de Hawthorne garanta a inacessibilidade do enigma que o véu negro do ministro atualiza. Eis o ponto fundamental: na leitura do texto literário, vislumbrar a possibilidade de garantir a inacessibilidade do enigma fora do risco das totalizações de sentido. Trata-se simplesmente de, na leitura do texto literário, atualizar a indicação de Lacan de que “numa obra de arte trata-se sempre de cingir a Coisa” (LACAN, 1988, p. 175). Desponta aqui a possibilidade de uma modalidade de leitura da obra literária que, em complemento à leitura feita a partir da Análise do Discurso, renove a relação com o real, isto é, revigore esse vazio fora-do-significado que é a Coisa, que atualize o texto literário em seu ponto de enigma.

Enquanto o dispositivo de leitura da Análise do Discurso centra-se nos efeitos sócio-históricos de sentido que atravessariam um texto literário, a abordagem lacaniana da arte convida, portanto, a vislumbrar o vazio fora do sentido em torno do qual o texto literário se estrutura. Vislumbramos neste artigo a possibilidade de que o dispositivo de leitura da Análise do Discurso leve também em consideração o texto literário em sua relação com um vazio estrutural, resistente a uma apreensão via linguagem mas, ao mesmo tempo, produzido por ela.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de estado*. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FREUD, S. Projeto de uma psicologia. In: GABBI JR., O. F. *Notas a Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 171-260.

FREUD, S. Psicopatología de la vida cotidiana. In: *Sigmund Freud – obras completas*. 10. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. VI.

LACAN, J. *O Seminário – Livro 7. A ética da psicanálise*. Tradução de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. e C. FUCHS A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F. e T. HAK (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 163-253.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Trad. Antônio Chelini et al. 6. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Centro de Pesquisa Outarte – Psicanálise entre Ciência e Arte. *Apresentação*. Campinas, 2008. Disponível em: <www.iel.unicamp.br/projetos/outarte/site>. Acesso em: 02 fev. 2016.

XIII JORNADA CORPOLINGUAGEM / V ENCONTRO OUTARTE, 2013, Rio de Janeiro. *Apresentação*. Disponível em: <www.metaeventos.net/outarte2013>. Acesso em: 02 fev. 2016.